

O Estado de S. Paulo

2/11/1985

Os cortadores de cana estão 'enfraquecidos'

"Discriminado e enfraquecido, incapaz mesmo de um novo levante", esse é o bóia-fria de hoje em Guariba, a pequena cidade de 20 mil habitantes, que em maio do ano passada, ocupou as manchetes dos principais jornais do País, depois que os trabalhadores rurais deram início a uma greve que se alastrou rapidamente por toda a região e que se tornou o primeiro passo da organização no campo.

A opinião é do prefeito Evandro Vitorino, um ex-"gato" que se elegeu em 1982 com os votos dos cortadores, de cana e que pensa em retornar à antiga profissão, que exerceu mais de 20 anos, quando deixar o cargo. Segundo ele, se de um lado conquistaram benefícios importantes, de outro, o "trabalhador guaribense é hoje um homem marcado e visado, que tem dificuldades para conseguir emprego por causa da fama de agitador e grevista".

Temendo que "os homens das estrelas puxem o tapete e dêem um novo golpe se a democracia for confundida com baderna", Vitorino diz que o que foi conquistado em termos de salários já está defasado com a inflação e o custo de vida. Para ele, boa parte dos oito mil bóias-frias do município está arrependida da greve de 84, e, atualmente, seria praticamente impossível um novo levante na área. "Só se houver um motivo bastante grave, como a fome extrema", afirma.

Para confirmar isso, recorda que os dois primeiros movimentos grevistas se iniciaram em Guariba, mas, em maio passado, a cidade foi uma das poucas a não parar. "Cerca de 1.500 pessoas decidiram em assembléia parar, mas até hoje não entendo por que não houve a greve", afirma Hélio Neves, procurando encontrar uma explicação: "Parece que não havia interesse do sindicato, pois ele não se preocupou em divulgar a decisão aos que não participaram da assembléia nem organizou piquetes".

Hoje, o próprio José de Fátima, antes muito criticado pelos usineiros, está com um discurso novo e é contrário ao confronto direto, pelos menos em Guariba. Na última greve, por exemplo, ele deixou a cidade e só foi participar de uma greve em Batatais, a cem quilômetros de distância. "Os trabalhadores — afirma — não devem reivindicar reajustes salariais que serão engolidos pela inflação, mas sim aliar-se aos patrões para brigar contra o governo."

(Página 12)